Ano III (Segunda epoca) Sabado, 29 de Fevereiro de 1908. Num. 7.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES. | ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580 SÃO PAULO (Brasil | OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organízar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

O 2.º Congresso Estadoal Operário

REFERENDUM

a todas as sociedades operárias de rezistencia de S. Paulo e do Interior

Convidamos todas as ligas e sindicatos operarios a responderem-nos com a maior urjencia às seguintes perguntas, pois é precizo àtivar os trabalhos do Congresso que, por deliberação tomada na reunião geral das comissões ezecutivas do dia 3, deve ser realizado na primeira quinzena de Abril.

1.º *Dezeja a liga aderir ao 2.º Congresso Estadoal?*

3.º *Em que cidade do Estado acha a liga que o mesmo Congresso deve efetuar-se?*

As ligas de S. Paulo e do interior devem responder *antes do fim do corrente mez de Fevereiro.*

A Federação Estadoal.

O nosso Congresso

Mais uma vez pedimos ás Ligas operárias, particularmente do interior do Estado, o favor de responder ao nosso *Referendum* com a maior urjencia possivel. Os têmas tambem nos devem ser remetidos quanto antes, porque é precizo publicá-los com um pouco de antecedencia, para serem discutidos entre todos os operários.

No próssimo número, iniciaremos a publicação dos tèmas que serão aprezentados ao congresso pela Federação Estadoal.

Greve geral

Tem-se falado nestes dias da probabilidade de realizar-se em S. Paulo uma greve geral, e alguem quiz—dando fundamento aos boatos espalhados por alguns pándegos— entrever a debandada dos operários, o aniquilamento das nossas organizações, o fim do mundo, afinal, cazo fosse a projètada greve posta em prática.

Entretanto tudo isso não passava de uma peça bem pregada aos *grandes sabios* que quizeram mais uma vez intrometer-se em assuntos que não compreendem só para ter a bem pequena satisfação de chamar-nos novamente convulsionados, greve-maniacos e outras coizas mais.

Deixemos de lado a parte grotesca dos ataques que nos são dirèta ou indirètamente dirijídos e aproveitemos do ensejo para pôr, pela centezima vez, os pontos sobre os i i.

Ninguem de nós sonhou sequer em trazer á baila a ideia de uma greve geral e bastaria o bestunto de um burro para ver *nas vozes* espalhadas neste sentido um boato mais ou menos ridiculo.

A greve geral—saibam-no os grandes homens—não pode ser de modo algum preparada na secretaria de uma Federação Operária, não pode ser o rezultado da rezolução de uma meia duzia de individuos—tenham estes ou não influencia sobre a massa operária. Pensar que isso se possa dar é loucura, é desconhecer por completo a engrenajem do movimento operário, a áção das colètividades proletárias.

A greve geral é o rezultado de condições especiais em que se encontra, ás vezes, o espirito do proletariado: vem de per si, sem que seja possivel prevê-la, e nada poderia impedir a sua realização desde que houvesse entre a classe operária aquela condição de espirito que é *a unica* cauza que pode determiná-la.

Portanto, uma greve geral não pode ser realizada sem ter a seu favor o dezejo da massa proletária—ou de uma não insignificante parte da mesma. E quando isto se der, quando a greve geral estale em consequencia da vontade operária, éla—qualquer que seja o seu rezultado — não pode trazer aos operários dezánimo algum, não provoca a debandada de ninguem, não destroi couza alguma—pelo contrario, traz ao movimento novas enerjías, ajuda a formação da nova conciéncia proletária.

A greve parcial da Paulista por ezemplo, despertou o espirito do operariado de S. Paulo, preparou o terreno para a greve geral, e esta veio, mesmo sem o esperarem os mais optimístas.

Ora, foi precizamente esta greve que orientou o movimento sindicalista no Estado de S. Paulo e reforçou as nossas organizações, e a éla se deve uma grande parte do relativo progresso em que se acha àtualmente o proletariado local.

Para concluir: A greve geral em S. Paulo é um boato, porque as condições do operariado não permitem *átualmente* a sua realização e é uma louca insinuação acuzar-nos de querer provocá-la; mas no cazo de que, por uma eventualidade qualquer,—e nós não somos dos tais profetas para prever como e quando isto possa acontecer, se mesmo acontecer—no cazo de que, diziamos os acontecimentos e o espirito das massas operárias cauzem a declaração de uma greve geral, esta, como as demais, não será *lição amarga* não será *débacle* nenhuma para o nosso movimento e os operários continuarão *malgrè tous* na sua marcha ascendente, fortalecidos pela esperiéncia, mais adestrados na luta, mais dispostos a tomar parte àtiva na grande guerra de classe que mina pouco a pouco o velho edificio social com seus crimes, com suas infámias, com seus innumeraveis prejuizos.

Teatro Social

Um grupo de compaheiros de bôa-vontade tenciona fundar em S. Paulo um centro filodramatico para representar peças sociais de propaganda por ocazião de festas ou soirées organizadas pelas nossas associações. Para tal fim, convida-se os que estão de acôrdo com esta iniciativa, a comparecer a uma reunião preparatória que se realizará na nossa sede, ao «Largo do Riachuelo 7-A» na próssima quarta feira, 4 de março, ás 7 meia da noite.

Não compremos os generos de F. MATARAZZO & C.

Contra o militarismo

Li no n.º 5 o judiciozo artigo Tática errada, *duma lójica cerrada e eminentemente humana, que é raro encontrar em tantos que se dizem escritores e bem mostra o operário que pensa e sente, e foi educado no seio do povo.*

Por minha parte, quereria ser ouvido por todas as mães, que por nada deste mundo deveriam permitir que seus filhos manchassem as mãos no sangue dos filhos de outras mães; por todos os pais que deveriam envergonhar-se de pertencer á espécie humana, quando consentissem que seus filhos fossem elementos de destruição, como nos séculos mais bárbaros, das aspirações maiores e mais humanas; por todos os verdadeiros irmãos e por todos aquéles, enfim, que receberam uma educação unicamente destinada a fazer-lhes suportar a escravidão.

A todos eu perguntaria: para que fim ou para que utilidade social quer o govêrno brazileiro o serviço militar obrigatório. Os interessados ou injénuos respondem: para bem da patria, para torná-la forte, para salvá-la no momento oportuno.

Mentira! E' verdadeiramente sentida para o Brazil essa «necessidade» de se fortificar? Por quem é êle ameaçado?

E quem não sabe, a respeito do Brazil como de toda a América latina, á quantos interesses, a quantos govêrnos e a quantos sentimentos e simpatias de povos não iria de encontro qualquer agressor prepotente?

E quando assim não fôsse, o Brazil seria salvo por um «forte» ezército? Não sabemos a bela figura feita pela «forte» esquadra e pelo «forte» ezército da Rússia?

O que esse forte ezército faria era armar o governo de meios tiránicos de sufocar qualquer modesta aspiração popular; e se deixarmos que lhe creçam as garras, amanhã será tarde, e a mais insignificante luta será dificil e inevitavelmente sangrenta.

Com o pretêsto de defender contra o estranjeiro o immenso território do Brazil, que forte esquadra e que numerozo ezército não poderão os nossos governantes justificar! Defender o Brazil é absurdo, mas é um pretêsto; e o Barboza da paz é um gracêjo.

Para chamar immigrantes italianos, espanhois, portuguezes, russos, etc. gastam-se rios de dinheiro em réclames *(mas não em aumentar os salários dos immigrantes...).*

Mas ao mesmo tempo pensa-se em roubar á juventude brazileira e aos filhos dos immigrantes algum do seu melhor tempo, durante o qual opera a péssima educação da cazerna, influenciando toda a vida. E essa juventude é a mais própria para o trabalho aqui, se não foi viciada e mal educada, porque está aclimatada, e não tem que fazer o noviciado a que estão sujeitos os estranjeiros.

E se os operários estranjeiros, assim como vieram em massa, abandonassem em massa o Brazil? Mas crê-se que, em cazo estremo, não se adotaria essa medida, quando qualquer crize ou ocilação imprime um movimento á pouco estavel população de immigrantes? Mas se êles muitas vezes abandonaram a terra, á qual estão prêzos por laços profundos, por cauza do serviço militar obrigatório! Mas se muitas vezes aqui constituiram familia por não haver aqui, para os filhos e parentes, esse serviço!

Mas o govêrno não saberá isso tudo? perguntarão os injénuos. O govêrno trata de servir os diversos grupos de interesses capitalistas, que nem sempre se armonizam uns com os outros; trata de se manter, servindo ora uns, ora outros.

O sorteio militar pode prejudicar a agricultura ou a industria em geral; mas o seu intento pouco conhecido é favorecer certas classes parazitárias, certos ramos de industria. O govêrno preciza de satisfazer a burocracia, os aspirantes á burocracia, a empregos publicos, praga que aflije a república, como aflijiu o império. O govêrno, para se manter para contentar os seus, preciza de criar sempre desses insolentes e ociozos empregados públicos que tão mal ezecutam os públicos serviços; preciza, para isso, de crear serviços novos. Preciza de abrir largas portas aos oficiais, aos aspirantes a oficiais, áquêles que procuram um pretêsto para a sua ociozidade e um rendimento cómodo.

E preciza de satisfazer os vorazes tubarões que, para ganhar dinheiro, são capazes de todas as abjèções, que, pelo gôzo, matariam a família e a humanidade! São os fornecedores de armas assassinas, de fardas, de mantimentos aos soldados, etc; são os innúmeros corvos que vivem do orçamento militar, em tempo de guerra e em tempo de paz.

E a infámia assim é maior, porque se cobre com a mentira, emporcalhando o que no povo há de mais puro!

Eis porque nos é mais dificil mostrar a verdade, a justiça.

Por minha parte, não é para que êles triunfem que hei de pertencer a uma «patria», deixando de pentencer a mim próprio. Se o Brazil quizer tomar-me um filho para soldado, com o pretêsto de engrandecer a «pátria», eu direi que, ao bem comum, eu posso consagrar um ano de paciente e util trabalho.

Assim deveis responder todos, ó patriotas sinceros, se amais na verdade o bem de todos. Ao vil insulto de vos quererem assassinos á força, respondei oferecendo o vosso trabalho.

E por esse trabalho, administrado por nós, pouparemos ao pobre govêrno um esforço e faremos bem á comunidade, composta de todos: *levantaremos os monumentos verdadeiros — as verdadeiras escolas, as verdadeiras cazas operárias, os verdadeiros passeios públicos, as verdadeiras oficinas, a verdadeira agricultura, a verdadeira moral, a verdadeira justiça, enfim a mais armonioza coiza jàmais ezistente, para cantar a qual seria necessário unir num só os engenhos de todos os poetas, reunir numa musica todas as notas sublimes. Então, sim, que teriamos uma pátria antevista pelos Zolas e pelos Tolstois, digna dos esforços de todos.*

UM CAIPIRA

Os crimes dêles

De « La Voix des Verriers »

Vilain é um pobre diabo vendedor de jornais. Quando o levaram para o quartel deixou a companheira enferma e sem dinheiro.

No mez de dezembro, tendo obtido uma licença de 4 dias encontrou ao chegar a casa a espoza na mais esquálida mizeria, saída havia pouco do hospital, onde tinha sido recolhida tuberculoza.

Diante desse sofrimento e desta mizéria, Vilain não teve a corajem de abandonar a sua querida espoza e ao acabar a sua licença, a 18 de dezembro, ficou junto déla para a tratar e prover ás suas necessidades, (que bandido!).

Como não tinha ainda 3 mezes de serviço, Vilain só foi declarado dezertor um mez mais tarde — a 19 de janeiro de 1907.

Foi prezo em Pariz pela gendarmaria no dia 27 de abril.

Nóvamente sem recursos, a pobre da sua espoza pouco tempo depois teve que voltar ao hospital, onde morreu a 4 de julho.

Nestes dias, Vilain compareceu perante o Conselho de guerra do 6.º Corpo em Chalons-sur-Marne.

As razões—bem humanas— que levaram Vilain a dezertar não fizeram impressão alguma nos chacais que o deviam julgar. Vilan, culpado por ter preferido á cazerna a sua companheira moribunda, foi condenado a 6 mezez de prizão, sem mais delongas.

Oh! justiça militar, haverá um dia bastantes forcas para pendurar todos os que assim tratam em teu nome os pobres proletários!

O Trade-Unionismo Norte-Ámericano

III. O CONTRATO COLETIVO DE TRABALHO MEIO DE ESPLORAÇÃO

O agrupamento por oficios deu os seus mais nocivos rezultados quando se complicou com os contratos colètivos. O contrato colètivo é uma arma de dois gumes: segundo o modo como é celebrado, serve o Trabalho ou o Capital.

A condição essencial para que um contrato colètivo de trabalho não seja nocivo aos trabalhadores é ser feito sem *duração de tempo* ficsada de antemão, isto é, poder ser rompido apoz curto prazo de avizo prévio quanto aos pontos bem precizos que êle trata, e sem avizo prévio quanto aos pontos qne êle não trata.

As trade-unions norte-americanas estão em geral ligadas, para com os patrões, por tratados de longa duração, e o patrão que ocupa trez ou quatro espécies de oficio na sua oficina toma a precaução elementar de fazer com cada uma délas contratos que espiram em datas diferentes.

Quando uma corporação de oficio faz greve, as outras, prêzas pelos seus contratos, continuam na oficina. O contrato colètivo de trabalho, assim entendido, faz do trade-unionismo um «crumirismo organizado» (*organized scabbery*).

A última greve dos tipógrafos de Nova York é um ezemplo disso. Os operários impressores, organizados à parte, foram com toda a simplicidade crumiros contra os compozitores em greve: tinham com os patrões um contrato especial, em boa forma, que não terminava então, e é forçozo respeitar o sagrado dos contratos (*sacredness of contracts*).

IV. Venalidade dos chefes trade-unionistas

Os Estados Unidos são o pàiz mais democrático do mundo, e tambem o paiz onde são mais corrutos os costumes politicos. Esta corrução penetrou por toda a parte e paraliza a vida pública, atinjindo atè as trade-unions.

A organização das trade-unions é muito centralizada: raramente é consultada a assembleia geral, sendo a dirètoria investida de larguissimos poderes. Ora, na guerra de concorrência tem valor mercantil o apoio ou a inimizade da trade-union, e todo o valor mercantil se vende fatalmente um dia. Não fiscalizada pela assembleia dos sócios, sem essa bússola que é a luta classe, a dirètoria operária é um valor, que alguns patrões não hezitam em comprar.

Esta mizerável questão pessoal tem uma triste influência. Em qualquer movimento operário norte-americano sempre se vai achar esse pequeno facto: a corrução. A credulidade, a confiança imbecil é tão grande nos mèios operários—de todos os paizes, desgraçadamente!--que esse factozinho basta para levantar dificuldades invenciveis.

Faz-se uma greve para favorecer uma operação bolsista e apoiar quem joga na baixa. Essa perigoza instituição, o label (marca da associação operária, dada como recomendação duma caza ou dum produto; o contrário da boicotajem), adquire valor mercantil: a dirètoria da liga operária concede o label a um industrial (que o sabe pagar) e favorece assim esse patrio, dezejoso de freguezia operária. Bem raras vezes é o label concedido apenas ás fábricas respeitadoras das tarifas e condições da trade-union, como devia ser.

O ordenado de certos prezidentes de federações é considerável. John Mitchell, prezidente dos mineiros (*United Mine Workers*), ganha mais de 4 mil dollars por ano (uns 13 contos), sem contar estraordinários, gorjetas e outras miudezas. Entre outras, segundo conta Randell, esse Mitchell confessou ter recebido, como coiza natural, uns 5 mil dollars (mais de I6 contos) do sr. R. L. Robinson, a titulo de pequena comissão. E Randell foi escluido por ter denunciado o facto.

Este estado-maior trade-unionista faz aceitar as suas...operações, graças a uma diciplina de ferro imposta ao gado quotizante. Nos jornais corporativos há a censura prévia. Quem disser mal dum gran-chefe é esmagado com fortes multas. Por ter protestado contra um contrato onerozo feito com os patrões cervejeiros de Nova York, Valentim Wagner foi multado em 80 dollars (250$). Como persiste, escluem-no, e tendo todas as cervejarias contratado com a trade-union para empregarem só os associados déla, Wagner não acha trabalho. Ou se obedece, ou se morre de fome.

Politicantes e industriais finórios constituiram a *Civic Federation*, cujo fim é impedir as greves e propagar a sã poutrina da *Armonia dos interesses do Capital e do Trabalho*. Samuel Gompers, prezidente da *American Federation of Labour*, que emgloba todas as trade-unions, adere á *Civic Federation* e celebra com os graúdos do capitalismo e da politica banquetes com discursos de acôrdo. Por isso, Mark Anna, o perspicaz «boss» do partido republicano do Ohis, declarava que o trade-unionismo era o «baluarte do Capital contra o Socialismo».

V. Nacimento do Sindicalismo Revolucionário

O reinado do trade-unionismo está talvez prestes a findar, e já naceu o sindicalismo revolucionário.

Os sindicatos revolucionários norte-americanos chamam-se *industrialistas*, porque substituem os sindicatos de *oficio*, assentes sobre o egoismo comparativo, por sindicatos de *industria*, bazeados na luta de classe.

Em julho de 1905, constituiu-se uma associação já célebre, os *Industrial Workers of the World*, ou Trabalhadores Sindicalitsas do Mundo, cuja carta constitutiva declara que a classe operária não tem interesses comúns com a classe capitalista *sem se afiliar em nenhum partido politico*.

Os inicios da nova organização foram brilhantes: agrupou mais de 60 mil sócios no 1.° ano. Mas, infelizmente, conservou algumas taras, e não escapou a terrivel caràterística dos costumes norte-americanos: a corrução. O «prezidente» Sherman «comeu», e o 2.° Congresso auual foi marcado com rivalidades de fàção violentissimas. Com issso sofreu o sindicalismo.

Mas os acontecimentos favorecem o sindicalismo revolucionário. O famozo processo contra os secretários dos mineiros do Oeste, sindicalistas revolucionários, (acabam de ser absolvidos), deu-lhe publicidade. Moyer, Haywood e Pettibone têm fortes simpatias entre muitos trade-unionistas, indignados com o traiçoeiro proceder capitalista. E o sindicalismo promete muito nesse paiz, onde os próprios *trusts*, concentrando os meios de produção, facilitam a obra da espropriação.

A. Bruckère

Com o correio

Chegam-nos todos os dias reclamações de assinantes de S. Paulo, os quais se queixam de que não recebem o jornal. Como a espedição é feita aqui com muito cuidado e é impossivel qualquer engano da nossa parte, o unico responsavel por esta irregularidade è a administração do correio. Podiamos reclamar; mas reclamar à dirèção do correio é escuzado: as nossas vozes não chegam até lá. Os nossos assinantes, quando não recebam o jornal, devem ezijir do carteiro a entrega dêle, porque foi enviado por nós. Em todo o cazo, se esta bandalheira continuar, procuraremos outros meios de reàção.

Do Rio de Janeiro

Recebemos e publicamos;

«Tendo a comissão provizória da Confederação Operária Brazileira enviado uma circular a todas as organizações operárias do Brazil espondo-lhes a grande necessidade de que a mesma funcione àtivamente e ñão tendo recebido ainda resposta de muitas pedimos que respondam quanto antes dando uma resposta definitiva sobre tão inportante assunto.

Esperamos que todas as associações que lutam pelas reivindicações proletárias não deixarão de mandar a sua adezão á confederação

As associações que não receberam a circular, devem pedi-la á Confederação ou tratar da sua adezão mesmo sem a ter recebido.

Rio 15 de Fevereiro de 1908.

Ramiro Moreira Lobo, Secretario provisório.-Sede: Rua do Hospicio 156.»

Pela propaganda

O fim do nosso jornal è, antes de tudo, fazer propaganda e cooperar para a bôa orientação dos diversos sindicatos operários. E não basta ler simplesmente a «Luta Proletária»: é preciso tambem que dos seus artigos, do que nela se publica seja tirada a parte substancial e esta discutida, comentada, criticada mesmo pelos companheiros todos, para que todos possam tirar déla os proveitos necessários.

A «Luta Proletráia» deve ser lida por todos os operários sejam ou não sejam êles organizados e todos devem contribuir para a realização do fim que éla tem em vista.

Ha alguem que proclama aos quatro ventos que na Federação e no movimento local — e a «Luta» é a sua emanação direta—predominam os operários de tal ou tal convicção politica. Mas porque não vêm então ao movimento os nossos adversários? porque descuram duma maneira tão vergonhoza das nossas associações e ficam sendo espectadores e criticos, sem procurar trazer a esse movimento as suas ideias sobre a tática no mesmo adòtada?

Para nós, a cooperação dos adversàrios, *desde que sejam operários* e tenham bôa-fé, é muito necessária, por muitos motivos.

Em primeiro lugar, uma espécie de fiscalização direta aos nossos átos impedia que, por acazo, cometessemos algum erro — todos estamos sujeitos a errar — estimulava-nos à àção e contribuia enfim para dezenvolver cada vez mais a propaganda da organização. Em segundo lugar eliminava-se um inconveniente — do qual não somos nem por sombra culpados — que faz com que os adversários da organização de classe, os nossos inimigos, andem dizendo com a mais descarada má fé que aqui se quer impôr opiniões ou ideias individuais.

Pensem sériamente nisto os colegas, os aperários sobretudo os que não comunguem as nossas ideias quanto ao metodo de àção: e hão de convencer-se de que temos razão para estranhar o seu procedimento.

Os dois burros

Um pobre colono ia subindo, a custo, um morro muito escarpado, quasi arrastando um velho asno carregado com dois barris de vinho.

— Anda, malvado asno — dizia o colono — anda, pois estou-me fatigando mais do que tu, anda se não, ja sabes: é pau; comigo não se brinca.

Mas o asno, ou não compreendia as ameaças, ou não fazia cazo délas, pois continuava a caminhar, com o passo vagoroso e pezado, próprio de quem não se incomoda com as desgraças por estar demaziado sujeito a élas.

— Anda bobo, se não apanhas! Bobo! Esta palavra trousse á mente do colono um velho ditado que vinha a ser muito apropriado á ocazião, e acrecentou:

— Anda, bobo dum asno, que carregas vinho e bebes agua!...

O asno a estas ultimas palavras ergueu a cabeça e deu algums passos com mais pressa, não para acelerar a marcha, mas para acercar-se mais do seu guia e para que êle ouvisse as suas argumentações filosóficas.

— Eu bobo? O bobo és tu, meu amigo, e a ti se poderia muito bem aplicar o velho ditado.

Eu carrego o vinho e não o bebo, não resta dúvida, mas eu por lei natural não estou acostumado a beber outra coiza a não ser agua. Tu sim, que poderias beber vinho — e gostas dêle — mas ajudas-me a carrega-lo para quem o bebe: o teu e meu amo. Se eu fôsse incumbido de guardar ou levar para o meu amo dois fardos de alfafa, fica certo que antes iria encher a minha barriga e depois... que os autros aproveitassem os restos.

Como podes intitular-te meu superior, se estás em condições inferiores ás minhas? Quando eu estou doente, o nosso amo manda logo vir um bom veterinário para me curar e deixa-me descançar todo o tempo da minha doença, sem por isto privar-me do necessario para o meu sustento; mas se tu ficas doente: ai de ti, ai dos teus filhos, ai da tua companheira! E chamas-me bobo?! Bobo és tu, que ainda há pouco, lá na cidade, paraste estupefacto deante dum mostrador cheio de alimentos, cada qual mais apetitozo, e tu, bobo, apezar de aguado, não tiveste a força nem a corajem de te apoderares dêles. Eu pelo contrário — e tu chamas-me bobo — quando entro numa roça de milho, dou cabo dêle, e isto sem me importar com o seu dono, seja lá quem for: eu trabalho, suo, o milho é para comer, por conseguinte é meu.

E não creias que os nossos amos, prezentes e passados, não tenham tentado aniqüilar esta minha liberdade — e isto bem o sabem as minhas costas—mas apezar disso não cedí e não cedarei.

Tu, pelo contrario, tudo sacrificas a êles, tudo quanto é teu deixas roubar, tudo entregas aos nossos espoliadores, e isto pela tua estupidez, por cobardia, por falta daquela firmeza que eu tenho em fazer meu tudo quanto me agrada e está ao meu alcance. Tu tens-te feito guarda da tua escravidão, és um prezo voluntário que nem sequer te atreves a fujir da prizão em que te puzeram e não ouzas levantar os olhos perante os teus amos.

Pois, se tu, que te consideras duma raça a mim superior, te abaixas e humilhas tanto, que deveria fazer eu, pobre asno? . . . .

. . . .

E ao acabar este discurso, talvez o mais comprido de toda a sua vida, o bom do asno fitou as orelhas, olhou para o seu companheiro de desventura: mas viu-o tão abatido, tão humildemente rezignado à sua triste sorte, que, por um istante, ficou indecizo: qual dos dois era mais besta — êle ou o outro? . . . .

. . . .

Já se avistavam, ao lonje, as cazas da fazenda, termo da sua viajem e o asno encheu o ar com um formidavel zurro: tinha visto o seu amado pasto e sabia que nenhuma força humana nem azinina o levaria a deixá-lo voluntàriamente.

Luciano Campagnoli.

Nos outros Estados

Sob o título *Uma vitória da ação direta*, lemos na *Luta* de Porto Alegre, que uma parte dos operários padeiros daquela cidade conseguiram impôr aos patrões o repouzo dominical, reforma esta almejada ha muito tempo entre a classe dos empregados de padaria de lá.

O meio adótado pelos operários para conseguirem esta pequena melhoria foi o mais simples e é o que mais rezultados tem dado: recuzaram-se terminantemente a fabricar e entregar pão aos domingos. E ao cabo de poucos dias de luta, ganharam.

O facto tem mais valor, como ensinamento, porque veio logo apoz uma ridicula farça reprezentada pelos politicos portalegrenses. Quizeram interessar-se, diziam êles, pelo bem da classe proletária e decretaram uma lei impondo o fechamento das lojas aos domingos. A tal lei só vigorou uma semana, sendo immediatamente revogada e os padeiros ficariam a ver navios se não se tivessem posto de acôrdo para iniciar a luta que acaba de lhes trazer esta dezejada melhoria.

Comentando o facto, tira dêle a *Luta* as mesmas considerações que nós tirariamos no mesmo cazo:

«E para demo[illegible]strar o nosso acerto, [illegible] aí está este facto: uma parte dos operários [illegible] padeiros que ezijiam dos patrões a abolição do [illegible] trabalho aos domingos, estão gozando já esse [illegible] beneficio, ao passo que outra parte que quer [illegible] correr aos intermediários, que pedirão a outrem [illegible] que por sua vez pedirá ainda a outros e outros a decretação duma lei beneficiária,— conti[illegible]nua sacrificando-se no trabalho, esperando s[illegible] descançar quando vier a lei, se vier... No ca[illegible]o desta não vir, que fazer?

Esperar para outra ocazião e en[illegible]viar outra petição e mais outra até se conven[illegible]cerem de que a emancipação dos trabalhadores [illegible] ha de ser obra dêles mesmos e nunca de pess[illegible]oas que, ainda que o queiram, nunca poderão [illegible] comprender as nossas necessidades como nós [illegible] mesmos.

A vitória dos padeiros, sile[illegible]ncioza, sem bombásticos reclamos de discurse[illegible]iras estéreis, vale por uma esplendida lição, ao proletariado portalegrense.

E' precizo não esquecê-la.»

O MOVIMENTO EM S. PAULO

Importante

Todas as comissões dos Sindicatos de S. Paulo e os reprezentantes das Ligas do Interior são convidadas para uma assembleia geral em nossa sede, no dia 5 de março, às 7 e meia horas da noite.

Será aprezentado o balancete do jornal e discutida uma proposta da « Liga dos Pedreiros » a respeito do edificio social.

Os Chapeleiros

A cooperativa fundada por iniciativa d'alguns operàrios chapeleiros está já quazi instalada e começará a funcionar na prossima semana.

Esperamos que os nossos companheiros se empenhem em conduzir a sua cooperativa por um caminho em que éla possa dar à colètividade proletária os maiores beneficios possiveis.

Dissemos no número passado que é nossa intenção atraír sobre esta greve a atenção dos mais àtivos dos nossos companheiros e sucitar polémicas e discussões entre os operários que se interessam pelo progresso do nosso movimento.

Para pôr em prática esta ideia, convidamos os nossos companheiros de bòa-vontade a mandar-nos as suas opiniões a propózito, respondendo como poderem a esta pergunta: *Que considerações vos sujere a átual greve dos Chapeleiros?*

Greve de Tijoleiros

Os tijoleiros estão a caminho da vitória.

Das 26 olarias ás quais foi aprezentada a nova tabela de preços, ja cederam 20. As outras 6 continuam a não querer ceder e o trabalho é feito ali por crumiros que muito facilmente poderam os proprietarios arranjar entre os vagabundos de S. Paulo.

Os crumiros fabricam tijolos, mas o que dezejariamos ver é o meio que os patrões adòtarão para trazer até São Paulo a sua produção. A não ser que algum espirito caridozo se encarregue de encomendar um milagre, os tijolos fabricados por crumiros ficarão amontoados nas olarias, pois é mais que sabido que os barqueiros não levam as suas barcas até lá.

Os operários das olarias em greve já estão quazi todos empregados nas outras onde são pagos ao preço ezijido pelo sindicato.

Este movimento que acabou como era de esperar, com uma vítoria para os operários, contribuirá para fortalecer o sindicato e os trabalhadores em olarias, que compreenderam os beneficios da organização de classe, hão de querer dedicar a éla todos os seus esforços. E é preciso. Saibam os operários das olarias que a luta entre êles e seus esploradores não está com ísto acabada; pelo contrario: deve continuar mais enerjica, mais constante até á verdadeira, á unica reforma, que é, a sua emancipação de qualquer esploração humana.

***

A' ultima hora, os tijoleiros vieram trazer-nos bôas noticias e alguns apontamentos referentes á àtual luta e que achamos dignos de ser conhecidos por todos os operários.

— As olarias que não aceitaram ainda a nova tabela são só quatro: as de Angelo de Mari, Dionisio Mori, Pietro Angelo e Fortunato Menozzi.

— O senhor Angelo de Mari enviou ao Sindicato uma carta pedindo que lhe mandassem o *ultimatum* pois estava disposto a assiná-lo, aceitando os preços da nova tabela.

Em vista disto, os tijoleiros encarre[gar]am o secretário do Sindicato de ir [a]presentar-lhe a carta. O sr. Mari dis[se-s]e disposto a aceitar os preços da ta[bela], mas não queria que os seus antigo[s] operários voltassem a trabalhar na olaria de sua propriedade. Esta condição, não foi aceita—e é muito natural que não fosse—e na sua olaria continua a greve. O senhor Mari verde de raiva começou então a insultar os operários, dizendo que a sociedade deles é uma sociedade de assassinos de canalhas, e tc.!

Ah! grande patife! canalha és tu e todos os da tua laia, grande sem-vergonha!

Este mesmo tipo quiz recorrer ao engano e por meio de artimanhas conseguiu que um barqueiro trouxesse a S. Paulo um carregamento de tijolos seus, mas assim mesmo, este, conhecendo que, fora iludido, protestou contra tal procedimento e prometeu não tornar a carregar os tijolos de Mari nem que lhe pagassem um conto de réis.

—O Sindicato dos «Transportadores de Tijolos» protesta por nosso intermedio contra o Senhor Dionisio Mori que, não podendo de outra forma dezabafar a sua raiva, provoca publicamente os operários chamando-lhes *marionetas* e outras coizas mais. Procure o sr. Dionisio moderar a sua linguajem; porque se continuar assim, não será dificil que alguem lhe dê, d'um modo algo categórico um pouco de educação.

—Uma outra coiza que fiz o dezespero de proprietarios é o facto de terem os trabalhadores em olaria conseguido, por meio da sua propaganda, despertar o espirito d'alguns operários nacionais que ali trabalhavam ha tempo, satisfeitos com uma humilhante remuneração, e que, agora ezijem aumento de salario.

Ora, caros senhores. Coizas dos tempos! Os operários vão ficando cada dia menos bestas, e portanto, os vossos lucros sobre a sua pele vão diminuindo.

Tempos hão de vir em que desaparecerão por completo, ficai certos.

Liga dos Trabalhadores em Madeira

Esta Liga está ajindo enerjicamente para que seja observado o horário de 8 horas por dia, em todas as oficinas da classe.

Só algumas oficinas, as maiores, conservaram esse horário depois da greve de maio do ano passado: todas as outras, as menores, foram impondo, sob pretêstos diversos, horas estraordinárias.

A par disto, os patrões tratavam de se reùnir todos; e das suas combinações rezultou deliberarem impôr o horario de 9 horas a toda a classe, no mez de setembro último.

Mas êles não contavam com a vontade dos operários, que apenas souberam de tal deliberação, abandonaram o trabalho.

Ora, a Liga dos patrões deliberou que cada sócio (patrão, naturalmente) procedesse da maneira que quizesse— e como esta liberdade de àção diminuia a responsabilidade que por qualquer ato, cada qual tivesse em face dos consócios, o compromisso que êles tomaram, de multar em um conto de reis o que tranzijisse, ficou sem valor: era como se não ezistisse. A Liga tornára-se anémica e todos os patrões se apressaram a declarar que dezistiam da impozição das 9 horas.

Era de esperar; tinham visto a firmeza dos operários, que lutavam dirètamente, não percebendo nenhum aussilio da sua associação de classe nem de quem quer que fôsse.

Pensavam que os trabalhadores em madeira iam lutar contra os patrões, a poder de dinheiro: assim, é claro que perderiam: os patrões têm mais dinheiro, muito mais, lá isso têm.

E se a luta fosse sustentada a dinheiro, os operários, quando este lhes faltasse, faltandolhe os aussilios, teriam que sofrer uma esploração redobrada.

Os marceneiros, ao pôrem-se em greve, em setembro, declararam que recuzavam qualquer aussilio pecuniário, e estavam decididos a tudo, até que conseguissem a vitória completa. Assim fizeram, e hoje alguns patrões nem sequer pensam em fazer novas impozições aos operários, tal foi o prejuizo que tiveram.

Houve, porém, alguns mais audazes, que quizeram menosprezar a nossa Liga, e graças aos crumiros, conseguiram continuar trabalhar 9 horas; mas apezar de audazes, não poderam, nem com os crumiros sustentar a tôrpe desfaçatez; foram forçados a restabelecer o horário de 8 horas.

Agora só em algumas oficinas pequenas se trabalham horas estraordinárias e a essas a Liga vai impondo a cessação desse estraordinário, o que está conseguindo admiravelmente: isto pela àtividade que dezenvolve; em todas as assembleias nomeia comissões que vão intender-se com os patrões incriminados, etc.

Apenas acabado este trabalho, a Liga tomará providencias a respeito das serrarias, que estão quazi todas trabalhando mais de 8 horas, não pagando algumas o estraordinàrio.

Nós não queremos trabalhar mais de 8 horas por dia— não nos importa se o patrão tem ou não urjencia da obra: quando ha falta de serviço êles não trepidam em pôr-nos na rua sem mais nem menos.

Essa cantiga de terem pressa das obras é uma armadilha, porque, quando tratam com um freguez não se comprometem (ou fôssem êles todos) a entregar-lhe a encomenda num prazo inferior ao real, calculando a jornada de 8 horas.

Correm boatos de que os patrões se estão pondo nòvamente d' acôrdo para nos tirarem as 8 horas; mas, desta vez, com muita cautela. Ora pois! Que se ponham d' acôrdo, que forjem outras impozições, os velhacos: nós cá estamos sempre àlerta, e sabemos que êles farão um fiasco maior e muito mais ridìculo do que o de setembro.

Não nos faltam meios para combatê-los.

Fiem-se na virjem...

Na nossa ultima assembleia discutiu-se se se deve fazer aos patrões que tenham necessidade a concessão de alguns dias de horas estraordinárias, mas ezijindo um aumento de salàrio, para ver se êle procedem por valvadez: e demonstrou-se que conceder o trabalho estraordinário é um inconveniente, um mal, porque oferecemos armas aos patrões, que, se por ora não têm meios muito fortes para combater-nos adquiri-los-ão com essa concessão, por meio da qual nos pomos nas suas mãos.

Eles adótarão em quanto lhes convier o pretêsto de terem sempre muito trabalho,--e farão trabalhar horas estraordinárias, pagando mais, sim, mas não perdendo nada com isto, como já não perdem agora, que o freguez lhe recompensa o gasto:— aos poucos, farão a selèção dos operários melhores, aos quais, por esperteza, procurarão dar um espirito gananciozo porão e piores na rua: e quando melhores e piores estiverem bem estremados, imporão o que intenderem, porque os que foram postos á marjem tornar-se-ão cru miros em cazo de greve: as suas necessidades serão por força muitas — e quando élas são muitas e fortes não ha rezistencia que valha.

Conciente destas razões, a assembleia deliberou não conceder nem sequer uma hora de estraordinário a ninguem.

Tomou tambem conhecimento de que nas oficinas Zanchi, Cataldi e Zuffo já se trabalha 8 horas.

Na oficina de Jão Papais estão trabalhando a horas estraordinárias porque com a saida de dois torneiros, foi trabalhar para lá um cunhado do patrão, um tal Jozé.

A esta crumirada está rezervado o que éla merece.

Foram nomeadas comissões para irem a trez oficinas pequenas, onde, ao que se soube, fazem trabalhar a horas estraordinárias.

MADEIREIRO.

Estão ainda por receber alguns cartões da ultima festa. Pedimos aos companheiros o favor de virem prestar contas com a maior urjencia possivel, pois precizamos publicar o balancete.

Sindicato dos Tecelões

Em vista de ter havido entre muitos companheiros tecelões algumas questões injustas a respeito das despezas estraordinárias que figuram no balancete de julho a dezembro deste sindicato, achamos conveniente dar uns esclarecimentos sobre este assunto.

O balancete foi aprezentado à assembleia geral efètuada na nossa séde em 19 de janeiro último e nesta ocazião deram-se as mais amplas esplicações ácerca das despezas estraordinárias sendo até aprezentados os recibos que justificam todos os gastos, afim de serem ezaminados pelos socios prezentes.

Ninguem quiz conferi-los e o balancete ficou aprovado por unanimidade. Ficámos, portanto, um pouco admirados ao ver que na última assembleia se quizeram levantar histórias por cauza dos mesmos recibos — que (por confiança, com certeza) todos se recuzaram a verificar.

Não queremos pensar que algum dos nossos companheiros queira com tal procedimento semiar a discordia entre os associados e provocar a desunião.

Se isto se desse, seria uma àção indigna de homens e de camaradas e o que tal fizesse mereceria o desprezo de todos.

E para cortar a raiz a estas questúnculas indecentes, damos aqui a relação minucioza das despezas estraordinárias que figuram no nosso balancete.

J. H. de Moura 25-7-07		
500 boletins (assembleia de 30-6)	6$000	
500 boletins (assembleia de 28-7)	6$000	
1 livro para atas	3$000	
1 tinteiro	1$000	
1 vidro de tinta	1$000	
2 canetas	$400	
penas	$200	17$600
J. H. de Moura 8-8-07		
12 cadernos de papel	1$000	
1 livro «Caixa»	2$200	
1 » «Indice»	1$500	
1 » «de Atas»	3$000	7$700
Visconti, Del Frate e C. 11-8-07		
500 estatutos		35$000
J. H. de Moura 31-8-07		
1000 convites		8$000
Visconti, Del Frate e C. 5-9-07		
1 carimbo		5$000
J. H. de Moura		
2000 avulsos em pergaminho		14$000
Contas atrazadas á Federação	20$000	
Dinhero entregue á Federação(*)	35$000	55$000
Sala para a conferencia de 1-12-07	5$000	
Sala para a conferencia de 29-12-07	5$000	
Tinta, papel e penas	2$000	12$000
Totale		154$300

S. Paulo, 5 de Fevereiro de 1908.

Pelo Sindicato
O SECRETARIO.

(*) — Este dinheiro foi entregue á Federação durante a ultima greve e as contas de despezas ficaram junto ás outras na gaveta da meza aprendida pela policia.

Os metalurjicos

Os operários metalurjicos andam *na ponta*. Ha poucos dias que voltaram á àtividade e têm sabido aproveitar estes dias duma maneira admiravel. O sindicato aumenta de sócios dia a dia e, o que mais é, de sócios bem dispostos à àção. A' assembleia realizada na quarta feira da semana passada compareceu um avultado número de operários e a discussão manteve-se calma e serena, sobre assuntos de muita importancia.

Disse nessa ocazião algumas palavras de incitamento, o companheiro Sorelli, que prometeu ter uma palestra de propaganda na nova assembleia que será realizada no dia 4 de março próssimo.

Afinal, tudo faz esperar que a classe dos metalurjicos desperte novamente, vindo juntar-se aos que labutam hoje pelo progresso e pela dignidade da classe operária.

O sindicato está tratando agóra de organizar uma festa de propaganda em beneficio dos cofres sociais e já na ultima assembleia foi nomeada uma comissão para levar a efeito esta iniciativa.

Federação Operária Estadoál

REUNIÃO DE 26 DE FEVEREIRO

São lidas as respostas ao nosso Referendum enviadas pela Liga de Campinas, pela Federação Local de Santos e por diversos Sindicatos de S. Paulo.

A respeito do jornal delibera-se chamar todas as comissões dos Sindicatos de S. Paulo e os reprezentantes das Ligas do Interior a uma reunião geral na quinta-feira, 5 de março afim de ser lhes aprezentar o balancete mensal.

Por ser o jornal mais velhaco de todo o Estado de S. Paulo

Não leiais IL SECOLO.

Aos masseiros

Um masseiro envia-nos a seguinte carta:

« Amigos e companheiros da Federação:

Escuzado é dizer-vos quanta ignorancia eziste ainda entre os operários da nossa classe. No ano passado, num momento de entuziasmo fundámos a nossa Liga, mas, ao que parece, éla perdeu-se no o caminho. Porque? Não sei. O que sei com certeza é que isto é para nós, masseiros, uma pouca-vergonha.

Mas é possivel que haja gente de cabeça tão dura que não chegue a compreender a utilidade da organização de classe? Parece que sim, e isto, depreende-se da atitude dos masseiros neste momento em que todos os operários das outras classes se estão ajitando para fortalecer os seus sindicatos.

Porque não fazeis, companheiros, um apêlo em que atraiais a uma reùnião os membros da velha dirètoria, e não tentais organizar uma nova assembleia geral da classe para ver se se podem despertar de novo estes dorminhocos? »

O *masseiro* tem muita, muitissima razão. Os operários trabalhadores em fábricas de massas têm demonstrado até agóra muita falta de vontade e a sua Liga desapareceu no báratro do esquecimento. Entretanto, ha na classe dos masseiros muito bons elementos e estes é que devem espicaçar, estimular os mais preguiçozos até que êles compreendam as más condições em que os põe esta lastimavel falta de união.

Não queremos, pela nossa parte, deixar de lado um assunto de tanta importancia; e correspondendo à invocação do *masseiro* convidamos *os operários mais átivos e mais concientes da classe dos trabalhadores em fábricas de massas, a vir á nossa séde: Largo do Riachuelo, 7-A, — na próssima quarta feira, ás 7 e meia horas da noite.*

Discutiremos aqui qual o meio mais prático para levantar e dar nova vida á associação de classe dos masseiros de S. Paulo.

Que os bons companheiros não faltem! E' o que encarecidamente lhes pedimos.

As nossas festas

No dia 15 deste mez, realizou a «Liga dos Trabalhadores em Madeira» a sua festa social.

Apezar do tempo estar bastante ruim, tivemos a satisfação de ver o salão bem cheio de pùblico, em grande parte de marceneiros, com as respètivas familias.

Em primeiro lugar, reprèsentou-se o drama «Martiri» de G. Sorelli, bem desempenhado pelos amadores, embora ainda novos na cena. *Carlos* (o protagonista) no principio um pouco embaraçado, acabou bem o seu papel. Muito bom o papel de *Giuditta*.

No «*Senza Patria*», de Gori, sempre belo e sempre de àtualidade, foram bem desempenhados os papeis de Jorge, Tonio e Anita; Arthur (o amorozo) não esteve á altura do seu papel e D. Andrea e Giovanna podiam fazer melhor se tivessem estudado os respètivos papeis. Recitou bem o *intermezzo* o companheiro Sorelli. *Triste Carnevale*, que está ficando velho—apezar de ser novo—por ter sido reprezentado em todos os salões de S. Paulo, foi tambem bem desempenhado, salientando-se Carlos em seu papel.

No fim de cada ato o público não se cançava de aplaudir os nossos... artistas. De resto, não podendo os nossos dramas ser reprezentados por companhias—que têm mêdo que o público imbecil as boicote — é precizo adòtarmo-nos a estes... artistas de ocazião que sacrificam as poucas horas de repouzo para dedicá-las à propaganda.

Bela foi tambem a poezia recitada com muito espirito pela mesma Ida del Bianco.

Das duas conférencias anunciadas só foi realizada uma em italiano pelo companheiro A. Cerchiai, convidado pela comissão organisadora. O orador falou, por 3 quartos de hora, sobre a emancipação do operariado, e sobre o antimilitarimo, merecendo os aplausos do auditório. Devia falar em portuguez o cidadão E. Vassimon que se fez esperar por muito tempo sem rezultado... como aliás tem feito outras vezes.

Devia ser representada a *Greve de inquilinos*, mas por falta de amadores em portuguez teve a Liga que pedir a cooperação de outros que á ultima hora não a representaram por ter caído doente um dêles.

Entretanto, a festa rezultou bôa sob todos os pontos de vista.

Muito bôa propaganda foi feita com os dramas, as conférencias, e a recitação da poezia antimilitarista de Gomes Leal.

O público ficou bem impressionado com essa noite de festa e armonia, da qual por muito tempo guardará a recordação.

Um agradecimenio ás generozas moças que ofereceram à Liga trabalhos de bordado para serem vendidos em beneficio da festa.

CRITICO

Bazes do Sindicalismo

POR

Emilio Pouget

Editado pela biblioteca de *A Luta*, de Porto Alegre.

1 ezemplar	$200
10 ezemplares	1$500
50 »	5$000
100 »	7$500

E' um folheto utilissimo para a propagando sindicalista.

Pedidos a esta Redacção.

Companheiros! Não compreis os chapéus de EVANGELISTA CERVONE & IRMÃO.

Porque não compras a farinha de Matarazzo?

Porque êle não teve péna dos nossos irmãos e nós não devemos gastar os seus produtos.

Operários!

Lêde a LUTA PRÓLETÁRIA.

Proletarios, dezertai a Igreja!

O proletariado vive sob a tirania capitalistica.

Desde os primeiros anos de vida, o filho do proletario é obrigado, pela necessidade, ou pelos pais inconcientes, a abandonar a caza, os irmãos mais pequenos. os carinhos da mamã, para ir debilitar o seu mizero corpo nos campos ou nas oficinas, em vez de, em quanto o seu corpo ainda é muito frajil para o trabalho que é superior as suas forças, em vez digo, de mandal-o para a escola e dar-lhe instrucção.

Crecendo na ignorancia, em nada pensa, para êle tudo è natural, a mizéria, a fome, todos os soffrimentos a que já está habituado, tudo êle suporta e a tudo se rezigna pelo amor de deus.

Uma das classes privilejiadas que ocupam logar saliente em prejuizo da vida do proletariado è a dos padres.

De facto que fazem eles? A eles compete-lhes sómente manternos na ignorancia; são os seus deveres e é a sua religião.

Os trabalhadores, crecendo na ignorancia; na completa escravidão, apenas aprendem o caminho do campo, o da oficina, ou o da igreja, mas não sabem infelizmente, que da igreja provém todo o seu mal.

Eles, os padres, nos seus sermões, com suas mentiras inacreditaveis, idiotizam os povos, incutem-lhes no cerebro o sentimento do medo, os rigores do inferno para os maus, e as belezas do paraizo para os bons.

Tudo isto é em seu puro proveito, mas bem sabem eles que o paraizo é sómente deles, e é completo: não são obrigados ao trabalho quotidiano, teem todas as boas alimentações, todos os prazeres possiveis. Daí o seu interesse em nos manter na ignorancia, para esplorar-nos a seu bel prazer, e não procurar-mos desvendar os seus misterios por muitos hoje conhecidos.

Proletários! abri os olhos, estamos em pleno seculo XX, procurai sair das trevas que vos envolvem.

Vós sois as colunas que, pela vossa ignorancia, sustentais o templo dos sicarios e seus sequazes.

Dezertai as igrejas, que são a continuação das nossas mizérias, da nossa ignorancia, e da nossa escravidão, procurai desviar os vossos filhos do caminho da mentira e dos lugares onde o impedem de pensar livremente, lonje repito, porque a igreja é, mais do que tudo, é tambem a escola da prostituição.

Ide ás escolas, procurai com todos os meios a vossa instrução, e dezertando as igrejas não haverá mais razão para os padres ezistirem, e então, proletarios tereis dado um grande passo no caminho do vosso bem—estar e do vosso verdadeiro paraizo, que é a liberdade.

JOZÉ PAMPURI.

Rio de Janeiro, 3-2-1908.

REUNIÕES

Metalurjicos. Haverá reunião geral dos operários desta classe na quarta-feira, 4 de março, as 7 e meia da noite para discutir a seguinte

Ordem do dia

Leitura da àta anterior.
Discussão a respeito da festa de propaganda.
Varias.

Pedreiros. São convidados todos os socios desta Liga para comparecerem na assembleia geral da classe, que se efètuará sabado. 29, às 7 horas, para discutir questões de muito interesse.

Trabalhadores em madeira. Lembramos aos socios desta Liga que cada sêsta-feira ha assembleia geral. Procurem os Marceneiros e anecsos não faltar a estas reuniões, pois o momento àtual ezije a maior enerjia possivel por parte de todos os companheiros.

Pintores. A Liga dos Pintores realizará uma assembleia geral na sua sede—á Rua José Bonifácio, 33,—no sábado, 7 de Março, ás 7. h. da noite, para tratar de assuntos muito importantes. Procurem os sócios da Liga de não faltar.

Tipógrafos. Os operários tipógrafos são convidados a comparecer a uma reùnião a efètuar-se na sêsta-feira, 6 de Março, no Salão do Eden Club, na qual se discutirá sobre a fundação duma biblioteca social.

Canteiros. O «Sindicato dos trabalhadores em pedra granito» convida os seus sócios para uma reunião no dia 8 de Março, ás 8 h. da noite, na sede social—Largo do Riachuelo, 7-A,—para ser discutido a seguinte

Ordem do dia

1. Prestação de contas do 3. Trimestre
2. Discussão sobre a adezão ao congresso
3. Várias.

Liga dos pintores

Comunicamos a todos os sócios que o nosso cobrador Luciano Campagnoli está á sua dispozição para pagamento das mensalidades todas as noites das 7 as 9 horas, na nossa sede.

A liga operária de Campinas comunica a todos os operários que continua aberta até ao dia 4 de Março a matricula para os que dezejem frequentar a AULA NOTURNA DE ENSINO que irá funcionar quanto antes na séde da mesma Liga - Rua Rejente Feijó, 39.

A Liga Operária.

AVIZAMOS

Os assinantes de S. Paulo que o nosso encarregado Ferruccio Doná continuará na prossima semana a cobrança das assinaturas nos arabaldes de: Ponte Grande, Braz, Moóca, Cambucy e Bexiga.

Tenham os companheiros a bondade de deixar a importancia das suas assinaturas a alguma pessoa de familia para poupar-nos inuteis perças de tempo.

Operarios! Ninguem deve ir trabalhar na fabrica de J. DOS SANTOS MALTA.

FOLHETIM

N. 5

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

Alem dos trabalhos do Estado e da Municipalidade, os quais na sua maioria se fazem na Inglaterra sob o regime das OITO HORAS, ha muitissimos trabalhadores de numerosas corporações, que gozam o dia de OITO HORAS. Ora, como esta medida não está ainda generalisada, é-nos facil calcular que os operarios que trabalham OITO HORAS apenas ganham sempre tanto como os que trabalham muito mais—e muites vezes até os superam.

—

Os capitalistas *inteligentes* que souberam combinar o ézito da sua fortuna com a redução das horas de trabalho e o saneamento das usinas coustituem excepções.

Na maioria dos casos (em França mais do que noutra qualquer parte), se o impulso operario para uma melhoria cada vêz maior não sacudisse os capitalistas rotineiros, elles continuariam a sua exploração de sempre. sem sentir a necessidade de aperfeiçoamentos; e para uma produção restrita, continuariam a impôr aos seus salariados um trabalho longo e uma magra remuneração.

A hipótese de que, em *8 horas* de trabalho a produção equivale á que é obtida em 9 horas ou mais, nada tem de absurda.

Se o trabalho é sobretudo obra da maquina, é bem possivel que, graças a um aperfeiçoamento das ferramentas e sna melhor utilisação, e tambem ao operario, que menos fatigado e portanto mais atento, evita facilmente os descuidos, — se obtenha, com as *8 horas* a mesma producção que se obtinha antes dellas.

Nos casos em que a tarefa é quasi inteiramente realisada pelo esforço manual do operario tambem se pode verificar o mesmo fenomeno: sabe-se que, ao cabo de *8 horas*, está quasi esgotada a reserva das forças quotidianas do trabalhador; a sua produção resente-se disso, tanto na quantidade como na qualidade; diminue, portanto, o rendimento que elle dá.

Podemos concluir daqui, que em *8 horas* de trabalho bem sustentado, obtêm-se os mesmos resultados que em nove horas ou mais.

Mas, supondo que nas duas circunstancias que ficam mencionadas a produção seja um pouco inferior, — não é evidente que a economia realisada sobre as despesas compensa a diminuição de produção que porventura venha a resultar?

Este fenomeno de equivalencia entre a produção e o dia de *8 horas* não é ignorado pelos patrões.

Apesar disso, elles opõem-se á redução das horas de trabalho e objectam pretextos mentirosos. E o que é verdade é que elles opõem-se a esta melhoria porque vêem nella uma diminuição da sua autoridade: temem o desenvolvimento da consiencia operaria.

Tendo mais tempo seu, o proletario educa-se, cria em si aspirações e necessidades novas; tem uma dignidade maior: dobra menos a espinha. E, conquistada as *8 horas*, elle pensará noutras conquistas.

Quonto ao capitalista, o beneficio material que elle pode conseguir com o DIA DE 8 HORAS não compensa a perda moral que lhe causa a parcial libertação do trabalhador. Neste caso, a sua obstinação criminosa em querer manter irredutivel a sua autoridade sobre o salariado, só pode incitar-nos a redobrar de energia para vencer a sua resistencia.

Acabamos de examinar a hipotese de que a produção não é diminuida pela redução do dia de trabalho.

Andariamos mal se suposessemos que o facto é o mesmo em todas as circunstancias e em todas as profissões. Examinemos, pois, a hipotese contraria: uma diminuição de produção.

E' bem evidente que será este o caso de muitos oficios em que o trabalho manual é o maior factor da produção; e tambem de muitos industriais em que a perfeição das maquinas e a celeridade da sua marcha está excessivamente desenvolvida.

Ha, alèm disso, innumeros trabalhos para os quais não se pode propor a intensificação, visto ser o tempo o seu principal factor.

Assim, um condutor de bonde, um cocheiro, um barbeiro, um caixeiro, um empregado de restaurante, etc., não podem pensar em acelerar o seu trabalho. A redução do tempo da sua jornada é, pois, formal, sem recuperação possivel.

Por outro lado, a Classe Operaria ao apresentar a sua reivindicação do DIA 8 HORAS, considerou, em primeiro lugar, que esta ultima hipotese — a diminuição da produção — se realizará amiudadas vezes. E isto porque, com o espirito de profunda solidariedade que a anima, ella vê na redução das horas de trabalho um meio de remediar a cruel situação dos companheiros desocupados.

E' preciso, portanto que os patrões se resolvam a conceder a melhoria exigida — e podem fazê-lo restringindo um pouco os seus lucros. Compete-lhes a elles encontrar depois a solução menos prejudicial aos seus cofres, porque é bem evidente que os trabalhadores, concientes dos seus proprios interesses, não consentirão sempre em labutar toda a sua existencia pelo prazer de enriquecer exploradores.

Os patrões não podem queixar-se da situação em que a redução das horas de trabalho os coloca. Os operarios, esses podem obejectar-lhes que essa situação nada é comparada com a horrivel augustia que martirisa os nossos companheiros sem trabalho.

Portanto, se a redução dos lucros capitalistas, que pode resultar da implantação do DIA DE 8 HORAS, teem como consequencia crear ocupação a numerosos desocupados, ha motivo para duplo regosijo: alem do beneficio real da melhoria conquistada, a Classe Operaria enfraquece nos capitalistas, na medida da diminuição dos seus lucros, os seus previlegios.